

Clube
Médico

Otimismo perigoso

O lançamento da candidatura presidencial de Luís Eduardo Magalhães, do PFL, para 2002 é a melhor demonstração do ambiente de confiança e otimismo da base governista com relação às eleições deste ano. Em tese, já não se discute a eleição de agora, mas a próxima.

A vitória de Fernando Henrique é tida como resolvida, como se nada a ameaçasse e o processo eleitoral fosse mero rito homológico. E é aí que mora o perigo. Muito embora tudo pareça sob medida para os planos governistas — a adesão do PMDB, a divisão oposicionista e o favoritismo nas pesquisas —, há vários complicadores pelo caminho.

Além daquilo que se costuma chamar de imponderável, expresso na máxima segundo a qual ninguém ganha eleição de véspera — e o próprio Fernando Henrique viveu essa experiência quando perdeu para Jânio Quadros a Prefeitura de São Paulo nos anos 80 —, há as dificuldades decorrentes da própria natureza da aliança governista.

Como se sabe, os aliados do governo não são aliados entre si, muito pelo contrário. Em praticamente nenhum estado eles se entendem. O PMDB chega ao paroxismo de não se entender nem internamente, nem com seus aliados. Em São Paulo, por exemplo, um de seus mais fortes caciques, Orestes Quércia, ficará contra governo e aliados e examina possível aliança nacional com o PT.

Ainda em São Paulo, há a notória desavença entre PSDB e PFL. Fernando Henrique havia decidido resolver o impasse pela via da omissão. Se ninguém se entende e todos o apóiam, a solução ideal é acompanhar a eleição de Brasília, pela televisão.

A participação presidencial, nesses termos, resumir-se-ia a gravações para o horário eleitoral gratuito. No mais, que todos se engalfinham a distância. Pode parecer uma solução razoável, só que, em São Paulo, não funciona. O governador Mário Covas exige que Fernando Henrique faça opção pública por sua candidatura.

O presidente já disse em entre-

vista, antes do início da campanha, que seu candidato em São Paulo é Covas. Não é suficiente. Covas quer que isso seja dito do alto dos palanques e repetido no horário gratuito. Como, se Paulo Maluf, adversário de Covas, integra o comitê da reeleição?

Os tucanos paulistas dizem que, se Fernando Henrique for eleito no primeiro turno — e é essa a expectativa otimista de seus aliados —, trairá os malufistas no segundo turno da eleição de São Paulo, assumindo com maior ênfase a candidatura de Mário Covas.

Tal hipótese é suficiente para que parte dos aliados já questione a conveniência de uma vitória de FHC no primeiro turno. O segundo turno passa a ser conveniência estratégica para valorizar cacifes políticos na futura montagem do governo.

A disputa interna por espaços de poder, já plenamente deflagrada, é o calcanhar-de-aquiles da poderosa aliança governista. É nele que os adversários querem investir para quebrar expectativas e sonhar com uma zebra sucessória.